

# Redação em Gotas

Edição nº 36

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela de Freitas Marques

## DICA: A hipérbole e a credulidade. Marcos Rey. Segunda Parte.

Preferimos o exagero à moderação, a cega credulidade à benéfica dúvida, as mentiras ditas e repetidas à busca pelos fatos. Somos *hipérbolos* permanentes e constantes, exageros contínuos destinados a esquecer as nossas fragilidades e o nosso sofrimento, exacerbando-os. Esquecidas a modéstia e contenção.

Em Peter Brueghel, *o velho*, o desenho à semelhança de pesadelo, verdadeiro desvario onírico, gravado em 1557, mostra-nos o exagero, a tensão e a desumanização: “*Peixe grande come o peixe pequeno*”.<sup>1</sup>

*Mas é a própria vida, não é?* Estamos lançados às águas da vida, gotas envoltas na voragem, ora correndo no curso dos dias, ora alcançando o infinito azul, devolvidas novamente como lágrimas, como chuvas ou como procelas.

Em 1973, a Editora Ática lançou a Coleção Vaga-lume, destinada ao público infanto-juvenil, marcando a vida de várias gerações, como “O Escaravelho do Diabo”, de Lúcia Machado de Almeida; “Coração de Onça”, de Ofélia e Narbal Fontes; “O Feijão e o Sonho”, de Orígenes Lessa e inúmeros livros de Marcos Rey: “**O Mistério do Cinco Estrelas**”; “**Sozinha no Mundo**”; “**Um cadáver ouviu rádio**”, “**O rapto do garoto de Ouro**”.

Marcos Rey, pseudônimo de Edmundo Donato, cedo foi lançado à voragem da vida e à sanha do preconceito milenar da hanseníase.<sup>2</sup> Tinha apenas 11 anos de idade quando contraiu a doença e, nos anos 30, a política *feroz, hiperbólica e praticada à época*, porque desconhecido o tratamento, eram a identificação, a segregação e a institucionalização dos doentes em leprosários ou hospitais-colônia.

A família conseguiu esconder a sua doença por alguns anos, mas as sombras, o medo e o anonimato o apontaram às autoridades sanitárias e, aos 17 anos, foi confinado em um sanatório em São Paulo – por seis anos. A ordem de captura contra Edmundo Donato vigorou até 1967, porque fugira em 1945, escondendo-se no Rio de Janeiro e adotando o pseudônimo que o tornaria famoso e o distinguiria do irmão, o escritor Mário Donato, autor de “Presença de Anita”.

“ (...) **Escritor sempre começa imitando, como os cantores. Somente depois de ter escrito uns dez, submeti um à apreciação do mano Mário. Ele era redator do jornal O Estado de S. Paulo, o que então era ser muita coisa. (...) Um dia, Mário me mostrou o retrato de uma moça bonita. Era Lygia de Azevedo Fagundes, depois Lygia Fagundes Telles.**

- **Guarde esse nome. Vai ser uma grande contista.**

**O conto que dei para Mário ler chamava-se “Ninguém entende Wiu-Li.”** ”

Os tipos urbanos, a solidão e a prosa leve marcaram toda a sua literatura: o seu nome verdadeiro, Edmundo, foi a homenagem do pai ao livro “O Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas; o seu nome literário, Marcos, foi a homenagem própria ao evangelista, São Marcos, o “Leão Alado” – como a *voz que clama no deserto*: destino dos profetas, dos santos e daqueles que, em algum momento, foram desamparados e esquecidos.

<sup>1</sup>Disponível em: *Peixe grande come o peixe pequeno*, gravado por Pie... (meisterdrucke.pt). Acesso em: 18 abr. 2022.

<sup>2</sup>MARANHÃO, Carlos. *Maldição e Glória*. A vida e o mundo de Marcos Rey. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. 248p.

<sup>3</sup>REY, Marcos. *O caso do filho do encadernador*. São Paulo: Global. 2012. p. 27/8. 124p.